

A sistematização do sistema das Ciências do Homem⁽¹⁾

ARMANDO DE CASTRO (*)

O problema da delimitação e da sistematização interna do subsistema das ciências, que abrange as disciplinas que teorizam as actividades especificamente humanas, oferece numerosas dificuldades.

Significa por um lado distingui-las de todas as restantes e exige por outro que, com base em princípios teóricos, se organize um quadro taxonómico válido pela autonomia de cada uma delas e seu agrupamento classificatório, constituindo além disso uma base para estabelecer sentidos possíveis do desenvolvimento de relações interdisciplinares.

No entanto a sua importância dificilmente se pode exagerar.

1.º — Em primeiro lugar, permite distinguir pela sua caracterização epistemológica qualquer disciplina, em ordem a verificar se pertence ou não a este subsistema, como por exemplo se a neurofisiologia humana é uma ciência do homem ou uma ciência da natureza. Esta questão reveste hoje aliás uma relevância muito especial, quando ressurtem interpretações absolutizantes da di-

menção biológica dos fenómenos humanos específicos, como as actividades mentais por exemplo;

2.º — Faculta ainda um quadro geral de referência teórica para captar a índole deste género de disciplinas;

3.º — Coloca à disposição dos investigadores um instrumento de trabalho no âmbito do seu próprio esforço disciplinar estrito. Com efeito ele terá nesse quadro um elemento coadjuvante para estabelecer as ligações que com frequência crescente tenderão a surgir — pelo menos em certos domínios — com outras disciplinas deste mesmo subsistema; permitir-lhe-á até orientá-lo nos contactos que se multiplicam com as ciências da natureza sem sacrificar as especificidades do seu campo operatório;

4.º — Semelhante quadro classificatório-teórico representa ainda um utensílio fecundo no trabalho interdisciplinar, quer se trate da Economia, da Sociologia, da História, da Psicologia, da Linguística, ou de qualquer outra disciplina deste subsistema;

5.º — Por esta razão reforça as possibilidades de acção metodológica, quer na aplicação dos métodos disponíveis, quer mesmo na criação de novos métodos particularizados nesta ou naquela ciência do homem e em todas elas.

(¹) Extraído, com ligeiras modificações, de um texto elaborado pelo autor para um curso universitário no ano lectivo de 1978-1979.

(*) Professor na Faculdade de Economia do Porto.

Constitui no entanto uma diligência teórica que tem de obedecer a princípios rigorosos e perfeitamente explícitos.

Se de uma maneira geral a delimitação deste vasto conjunto de disciplinas não suscita dificuldades de princípio dignas de nota (muito embora cresçam com certas leituras reducionistas, que constituem um fenómeno recorrente sob os mais variados aspectos), já a questão da organização do seu quadro taxonómico coloca agudas questões.

Tem de obedecer a um conjunto de regras teóricas, de que nos permitimos destacar as seguintes:

1.º — Há que elaborar critérios teóricos que permitam distingui-las das restantes.

2.º — Têm de se explicitar as relações internas caracterizadoras de cada ciência humana. E sendo certo que diversas disciplinas podem estudar diferentes relações manifestando-se nos mesmos fenómenos, há que traçar os elementos distintivos desses aspectos. Este esforço, por outro lado, facilitará a compreensão da unidade humano-social sem negar a multiplicidade inevitável da sua leitura teórica e encontrando os caminhos válidos para isso.

3.º — Importa considerar que as relações internas de cada ciência do homem resultam das seguintes componentes:

- I — A realidade sobre a qual erguem a teorização, aquilo a que chamaremos o «seu objecto real»;
- II — O sistema das suas categorias e dos seus enunciados de relações (leis científicas) que são sistematizadas no interior de uma disciplina constituindo o «seu objecto teórico», uma construção do conhecimento e não uma fotografia do «objecto real»;
- III — Os resultados da relação recíproca entre esses dois objectos, o real e teórico, entre eles e o sujeito epistémico, incluindo o conjunto de métodos utilizados ou utilizáveis;

IV — As condições históricas em que cada geração de cientistas trabalha no ramo a que se dedica;

V — As condições sociais presentes no trabalho imediato dos investigadores.

Somente o correcto manuseio das regras que presidem à actividade de elaboração teórica, tendo em conta estas condicionantes, permitirá fugir aos obstáculos mais variados tanto nesta tarefa taxonómica como até na prática concreta endo-disciplinar.

4.º — A própria natureza da directriz anterior, considerada em cada um dos cinco elementos apontados, sublinha aquilo que aliás é imanente a qualquer elaboração científica, seja ela qual for — o seu *dinamismo*, o facto de não existir nenhuma disciplina que não conheça ou não possa conhecer novos avanços e transformações. Isto tem pois de estar presente no labor de classificação.

Daí que só possa resistir à crítica demolidora se puder cobrir a dinâmica; daí ainda que tenha de obedecer a princípios que permitam abranger as modificações múltiplas que inevitavelmente aparecem ou aparecerão no desenvolvimento teórico das explicações dos fenómenos especificamente humanos. É o que sucede por exemplo com: a) A subdivisão de uma disciplina em duas ou mais disciplinas novas, como por exemplo Sociologia Económica, Economia da Investigação Científica («R & D», isto é, «Research and Development»), Antropologia Histórica; b) A fusão de parte do objecto que pertenceu a disciplinas autónomas, pelo menos em parte: Psico-Linguística, Sócio-Linguística, Psicologia Económica, Psicologia Social, etc., etc.

A classificação das ciências tem consequentemente de ser *aberta*: no seu quadro têm de existir espaços sempre susceptíveis de ocupação por novas disciplinas, incluindo por aquelas que nem sequer nasceram; e isto de harmonia com as próprias regras que

à partida espacializam o arranjo interno do quadro taxonómico ...

5.º — Em quinto lugar a classificação das ciências do homem pressupõe e exige respostas correctas na sua dupla dimensão teórica e metodológica e na sua dimensão sociológica; tem de encarar os três aspectos em conjunto e ainda o próprio aspecto histórico. É assim que, por exemplo, não poderia elaborar-se um quadro classificatório aceitável que considerasse apenas os métodos de cada disciplina (uma tendência que às vezes se manifesta tanto aqui como nas ciências da natureza e que não passa no fundo de uma redução do epistemológico ao metodológico, posto a unidade dos dois seja inquebrantável); ou então uma organização de grupos de ciências do homem que se ativesse exclusivamente ao aspecto teórico interno; ou que considerasse mesmo estas duas dimensões em conjunto. Há que ter em conta também as condições sociais gerais da sua emergência e da sua aplicação; às vezes a ignorância desta exigência conduz a erros patentes, como sucedeu, por exemplo, com a Sociologia durante algumas dezenas de anos entre nós. As condições sociais, políticas e ideológicas dominantes tendiam a fechar o seu campo de acção, levando a ignorância desta exigência não só a deturpações como ainda a omissões ao considerar esta ciência. Serão do mesmo tipo — embora de sinal contrário — certas tendências implícitas no sentido de identificar «ciências» com sociologia. Tais situações são de base social e histórica; mas não lhes são também alheias insuficiências epistemológicas. Importa pois adicionar outros elementos de tipificação teórico-taxonómica.

6.º — Uma classificação cientificamente correcta exige que se combine a fixação lógico-abstracta das características globais diferenciadoras e integradoras dos diversos objectos disciplinares com os aspectos resultantes da ordem histórica da sua formação. Nenhum destes dois aspectos se pode usar

em exclusividade, impondo-se de resto depurar o processo histórico de génese de cada ciência, das suas características teóricas internas; no entanto, para se levar a cabo essa tarefa, têm de ser considerados os ensinamentos que resultam da história de cada uma delas. É o caso por exemplo da Semiótica como ciência do homem (válida para a semiologia humana) — que foi a primeira a surgir — e a Semiótica como ciência da natureza (estudando os sistemas de símbolos que operam nos fenómenos naturais). De resto, como acentuou Gilles-Gaston Granger, se classificar «consiste sempre em estruturar segundo uma relação de ordem», então a classificação das ciências do homem, como de quaisquer outras, coloca questões ligadas à ordem lógica e/ou histórica da concatenação das suas diversas disciplinas.

7.º — Em sétimo lugar este problema classificatório coloca em jogo — e pressupõe inclusivé — a resolução de questões essenciais acerca da natureza de qualquer das disciplinas abrangidas ou excluídas de qualquer grupo do quadro taxonómico. Há autores que, por exemplo, falam em ciências descritivas («ideográficas», do grego *ideo* + *grafia*, descrição de si mesmo) e ciências que formulam leis (nomotéticas, do grego «*nomos*», regra, lei + «*tético*», conjunto). Se, sob o ponto de vista histórico (de resto tanto nas ciências do homem como nas ciências da natureza), a separação poderia admitir-se à discussão, pois muitas disciplinas numa primeira fase assumem uma índole classificatório-descritiva de fenómenos e relações, a questão é aqui diversa, na medida em que não podemos aceitar que pela sua própria estrutura jamais poderão chegar ao estágio «nomotético»...

8.º — Outra exigência resulta da circunstância de cada disciplina a agrupar num ou noutro lugar do quadro ter de possuir uma certa unidade teórica, sendo indispensável conhecê-la; é que de facto não é possível epistemologicamente unificar a índole de uma ou mais disciplinas pelo facto de cons-

tituírem uma «sobra»; lembramos a este propósito que já houve quem definisse a Sociologia de uma maneira «residual», ao afirmar que lhe pertenceria... aquilo que as demais não consideravam...

9.º — O quadro classificatório tem de ser sistemático e global, ao contrário do que acontece em muitas propostas que nos são feitas, em que as omissões são numerosíssimas, por vezes até gritantes, sem mencionar sequer agrupamentos sem critérios de homogeneidade epistemológica.

Com base nesta rede de orientação teórica e epistemológica, poderíamos então avançar uma *proposta de classificação das ciências do homem (ou ciências sociais em sentido amplo)*:

O agrupamento a seguir traçado tem especialmente em conta a especificidade combinada do «objecto real» de cada disciplina e do seu «objecto teórico»; considera ainda os particularismos da interligação activa entre o sujeito epistémico e esses objectos, atende à dinâmica histórica de cada disciplina, do subsistema em que essa disciplina se situa numa dada época e inclusivé à dinâmica do sistema geral das ciências.

A partir destas bases, sabendo-se que a característica fundamental comum deste subsistema do sistema geral das ciências radica na participação de fenómenos e relações que são especificamente humanos (em que essa moldagem se efectua pela participação do social por maior ou mais restrita que seja a presença de elementos naturais), podemos agrupá-las num certo número de tipos. Esses tipos correspondem ainda a homogeneidades (relativas, é claro) segundo os elementos diversos que nelas participam, tanto do objecto real como do objecto teórico e que são em parte, sem dúvida, historicamente determinadas no processo da autoconstrução teórica. Isto significa que dentro de cada um dos tipos ou grupos podem surgir novas disciplinas, ao mesmo tempo que podem aparecer novos grupos ainda inexistentes num dado mo-

mento, tanto faz que em determinado momento esse espaço sectorial seja ocupado apenas por uma ciência. Simultaneamente, no próprio movimento histórico da elaboração científica, uma disciplina pode «saltar» do grupo em que está inserida, em dada fase, para um grupo diferente. Trata-se pois de um quadro que é estruturalmente aberto, é ele próprio dinâmico sem infringir os critérios epistemológicos da sua organização.

O quadro surgiria assim deste modo:

Primeiro tipo — Ciências humanas homogéneas

Abrangerá hoje pelo menos dez disciplinas que sob este aspecto designaremos por paradigmáticas graças ao desenvolvimento teórico que já atingiram, sem com isto se introduzirem quaisquer conotações valorativas ou de dignidade teórica, como é óbvio, o mesmo se dizendo da ordem da sua indicação que poderia alterar-se perfeitamente:

- 1 — Psicologia
- 2 — Economia
- 3 — Sociologia
- 4 — Linguística
- 5 — Estética (como ciência)
- 6 — Ciência do conhecimento humano corrente
- 7 — Epistemologia (ou ciência do conhecimento científico)
- 8 — História geral das sociedades
- 9 — História (epistemológica) das ciências
- 10 — História Económica em sentido amplo (Economia aplicada histórica e teoria económica das formações económico-sociais históricas).

Segundo tipo — Disciplinas que combinam diversos aspectos específicos dos «objectos humanos reais», a) dispondo de características teóricas ou b) que ligam teórico-

-estruturalmente aspectos naturais com aspectos sociais

Resultando pelo menos parcialmente a sua estrutura do nível de desenvolvimento histórico atingido, podem estas disciplinas transitar para outro grupo, nomeadamente o primeiro.

Em indicação meramente exemplificativa:

- 1 — Etnologia (a caminho da Antropologia dirigindo-se para o Grupo 1)
- 2 — Geografia humana em sentido amplo (abrangendo aspectos sociais, económicos, culturais e outros)
- 3 — Etno-Linguística
- 4 — Sócio-Linguística
- 5 — Antropologia Económica
- 6 — Psicologia Social
- 7 — Neurofisiologia humana
- 8 — Paleontologia humana
- 9 — Ciências ditas «do comportamento» («behaviorial sciences», cuja inclusão é ainda epistemologicamente susceptível de reservas).

Terceiro tipo ou grupo — Disciplinas cuja estrutura é interdisciplinar ou pluridisciplinar; chamar-lhe-emos «ciências transversais»

Trata-se de uma pluridisciplinaridade estrutural que resulta tanto de se verificar no interior do subsistema das ciências humanas como de derivar dos enlaces com os demais subsistemas do sistema geral das ciências (lógico-dedutivas e da natureza). A sua tipicidade taxonómica não é assim apenas metódica; é epístemo-metódica. Por essa razão, a circunstância de por exemplo uma disciplina recorrer com largueza maior ou menor a métodos matemáticos não significa só por si que faz parte deste grupo.

Alguns exemplos:

- 1 — Ciências do homem matematizadas (se parcialmente nessa precisa medida)
 - 2 — Ciências do homem axiomatizadas (quando existirem...)
 - 3 — Cibernética (destas actividades)
 - 4 — Semiótica (dos fenómenos humanos)
- Ect., etc.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

TORNE-SE LEITOR DA BIBLIOTECA DO ISPA

(Pavilhão Escolar da Feira Popular, Av. da República, Telef. 76 87 79)

GRANDES ÁREAS TEMÁTICAS

**ANTROPOLOGIA — ETOLOGIA — PSICANÁLISE — PSICOLOGIA CLÍNICA —
PSICOLOGIA DA CRIANÇA — PSICOLOGIA SOCIAL — PSICOMETRIA — PSI-
COPATOLOGIA — PSICOPEDAGOGIA — PSICOTERAPIA — SEXOLOGIA**

Oferecemos as seguintes formas de acesso à documentação:

- **Leitura local ou domiciliária**
- **Lista quinzenal de novas aquisições**
- **Pesquisas retrospectivas** (Recuperação por temas da informação existente na Biblioteca)
- **Bibliografias especializadas**
- **Difusão selectiva da informação** (Actualização permanente em domínios bem definidos dos leitores interessados)

Para se tornar LEITOR DA BIBLIOTECA envie-nos:

- 2 fotografias
- 300\$00, que são o valor da sua quota anual
- Indicação do nome, profissão, residência, telefone e local de trabalho

e receberá dentro em breve o seu cartão de LEITOR

Horário:

Das 10.30 às 13.00 horas
Das 16.30 às 20.30 horas

Contribua para transformar a Biblioteca do ISPA num Centro de Documentação vivo e actualizado. Utilize a informação ao seu dispor. Envie sugestões e esteja atento às nossas propostas.